

# Moléculas orgânicas, molde interior e forma: a plasticidade na “antropologia” de Buffon

## *Organic molecules, internal mold and form: plasticity in Buffon’s anthropology*

Palavras-chave: Buffon, moléculas orgânicas, molde interior, forma, antropologia.  
Keywords: Buffon. Organic molecules. Internal mold. Form. Anthropology

### Leonardo Moreira

Doutorando em filosofia  
(USP/ Université Paris  
1 Panthéon-Sorbonne),  
atualmente ligado ao Centre  
de Histoire des Philosophies  
Modernes de la Sorbonne  
(HiPhiMo). O presente  
trabalho foi realizado com  
apoio da Coordenação de  
Aperfeiçoamento de Pessoal  
de Nível Superior – Brasil  
(CAPES) – Código de  
Financiamento 001.  
leom.philosophie@gmail.com

### Resumo

Busca-se aqui, no que concerne a Buffon, aproximar os princípios científicos que estão nas teorias sobre as moléculas orgânicas, sobre o molde interior e sobre a forma, das teorias “antropológicas” sobre o homem e sua existência e pré-existência social.

### Abstract

The aim here, regarding Buffon’s work, is to relate the scientific principles in his theories about the organic molecules, the internal mold and the form, to the anthropological theories about man and his social existence and pre-existence.

### I. Introdução ao método buffoniano: a heurística do olhar

*Pour décrire exactement, il faut avoir vu, revu, examiné, comparé la chose qu’on veut décrire, et tout cela sans préjugé, sans idée de système.*  
Buffon, *Premier Discours*

Para Georges-Louis Leclerc de Buffon, a História natural, quando tomada em sua totalidade, “abraça todos os objetos que nos apresenta o Universo” (BUFFON, 2007, p. 29). Trata-se de uma *multidão prodigiosa* que, em seu conjunto, reagrupa o mundo animal, vegetal e mineral. Visando compreender este *vasto espetáculo*, o naturalista francês defende, na esteira de Newton<sup>1</sup>, a qualidade heurística do olhar: “Deve-se, portanto, começar por olhar muito e rever constantemente” (BUFFON, 2007, p. 31). Tal qualidade da observação deve se efetuar quase que totalmente livre de um desenho, de um esboço, de um traçado determinado por um ponto de vista<sup>2</sup>. Para a realização

ISSN 2359-5140 (Online)  
Ipseitas, São Carlos, vol.4,  
n. 2, p. 149-176, ago-dez,  
2018

1 Pode-se notar a defesa do “sublime método” newtoniano desde o *Prefácio* (escrito por Buffon) para *La méthode des fluxions* de Newton (BUFFON, 1740), como também, posteriormente (em 1749), em suas *Reflexões sobre a lei da atração*: “M. Newton acreditou que valeria muito mais a pena estabelecer a lei da atração através dos próprios fenômenos, do que por outra via” (BUFFON, 2007, p. 18). Jacques Roger ressalta, todavia, que tal elogio dos fenômenos e da experiência, seria mais antigo, remetendo ao prefácio que Buffon teria escrito para uma obra (*La Statique des végétaux*), também por ele traduzida, em 1735, do inglês Hales. Em tal prefácio, Buffon teria feito, segundo Roger, “o elogio da experiência, único meio de fazer progredir a ciência, único guia dos ‘grandes homens’, dentre os quais ele citava Newton, Bacon, Boyle, Stahl, Huygens, Réaumur e Boerhaave” (ROGER, 1993, p. 528).

2 O que não significa de modo algum a ausência total de método, nem que se deve remeter tudo “a um sistema particular” (Cf. BUFFON, 2007, p. 41).

deste olhar constante, o método buffoniano requer um abandono de si a si mesmo, pois deve-se deixar o “espírito caminhar por si mesmo, se reconhecer (...) e formar sozinho a primeira corrente que representa a ordem de suas ideias” (BUFFON, 2007, p. 31). Por estas vias, pode-se chegar a perceber as *relações comuns* entre “produções” e “operações” (BUFFON, 2007, p. 34), em uma medida equilibrada, respeitando as leis da natureza, sem encarcerar esta em um sistema que lhe seja de todo estranho. O método de Buffon demanda um árduo e quase infindável trabalho, seja para livrar-se dos sistemas mal formulados, seja para apreender pouco a pouco as nuances entre os diferentes objetos de estudo<sup>3</sup>. Almeja-se, assim, o olhar do pintor da natureza<sup>4</sup>, de modo a examinar diferentes métodos para depois os confrontar à luz de um estudo sobre a História natural.

Esta regra do olhar constante, e de certo modo desprendido, compõe a postura empírica da heurística de Buffon também no que concerne às causas. Buffon expõe, logo no *Primeiro Discurso* de sua *História Natural*, intitulado *Da maneira de estudar e de tratar a História Natural*<sup>5</sup>, a impossibilidade de se alcançar as causas primeiras, pois, escreve o autor, mesmo “o espírito mais abrangente, e o gênio mais potente, não se elevará jamais a este alto ponto de conhecimento: as primeiras causas nos serão sempre ocultas” (BUFFON, 2007, p. 34), e “mesmo os resultados mais gerais destas causas nos serão igualmente tão difíceis a conhecer quanto as próprias causas” (BUFFON, 2007, p. 31). O método buffoniano explicita assim aonde não se pode chegar, desvelando o caráter inalcançável das causas primeiras. Se tais causas são inacessíveis pelas vias do olhar exercitado e contínuo, o que seria então apreensível por estas vias? A primeira lição seria: não se apreendem os fundamentos, não se apreende aquilo que ao olho escapa. Nesse sentido, o método buffoniano se opõe ao método cartesiano no que diz respeito à busca e instauração de fundamentos. Deste modo, Buffon opera, como sublinhara Thierry Hoquet (HOQUET, 2005, p. 203), uma primeira subversão metodológica, nos conduzindo à compreensão de uma rede de efeitos que se relacionam entre si, visto que, como escrevera Buffon, “tudo isto que nos é possível é perceber alguns efeitos particulares, de os comparar, combinar” (BUFFON, 2007, p. 34). Uma vez colecionados, tais efeitos

3 Deve-se reconhecer que essas “nuanças imperceptíveis são a grande obra da Natureza”, não apenas nas “grandezas e nas formas, mas nos movimentos, nas gerações, nas sucessões de toda espécie” (BUFFON, 2007, p. 35).

4 Como comenta Pierre Gasca, em seu *Buffon*, o naturalista não requer consideração para si senão “enquanto pintor da natureza.” (GASCAR, 1983, p. 132). Nesse sentido, Pedro Paulo Pimenta complementa, de maneira mais generalizada, que “a descrição naturalista deve ser um “portrait”, e não um “tableau historique” (PIMENTA, 2017).

5 Doravante, este discurso será citado abreviadamente, como é de praxe entre especialistas da obra de Buffon, como *Primeiro Discurso*. Todas as citações anteriores, de Buffon, remetem à este.

formam um “armazém repleto de coisas diversas” (BUFFON, 2007, p. 34), e o olhar deve continuar se exercendo incansavelmente sobre todas estas coisas, “observando-as constantemente”, pois só assim se “formam pouco a pouco as impressões duráveis, que logo se ligam em nosso espírito através de relações fixas e invariáveis” (BUFFON, 2007, p. 34).

Para Buffon, o essencial é “mobilier a cabeça de ideias e de fatos, de os impedir, se possível, de tirar daí precipitadamente raciocínios e relações” (BUFFON, 2007, p. 31). Em *Buffon: histoire naturelle et philosophie*, Thierry Hoquet chama a atenção justamente para o termo mobiliar (*meubler*), o qual “induz uma subversão da ordem arquitetural cartesiana”, pois, onde “Descartes pensa fundação (...), Buffon propõe um mobiliário, disposições reversíveis, sempre flexíveis e provisórias” (HOQUET, 2005, p. 203). Descartes, continua Hoquet, “constrói um imóvel de relações (o pensamento construído como um sistema ordenado de onde se tiram raciocínios)”, ao passo que Buffon “ocupa um espaço onde dispõe fatos e ideias de maneira a formar o gosto (...) Todavia, esse trabalho de compilação não deve jamais ser fixo, e os começos [das investigações] devem restar (...) móveis e revogáveis” (HOQUET, 2005, p. 203). O método buffoniano resta, por essas vias, inacabado, é um método que se locupleta quando avança em seu trabalho de coleção, observação e comparação. Vê-se claramente – escreve Buffon no *Primeiro Discurso* – “que é impossível de acercar um sistema geral, um método perfeito, não somente para a História natural inteira, mas mesmo para um de seus ramos” (BUFFON, 2007, p. 35), pois “a Natureza caminha por gradações desconhecidas, e consequentemente ela não se presta totalmente a estas divisões” (BUFFON, 2007, p. 35). O método para estudar a natureza deve seguir esta mesma natureza – ou seja, seguir as divisões “que nós devemos respeitar como uma divisão dada pela própria natureza” (BUFFON, 2007, p. 47) –, constituindo-se, por fim, em um método “instrutivo e natural” (BUFFON, 2007, p. 40) que seria “a descrição completa e a história exata de cada coisa em particular” (BUFFON, 2007, p. 42).

ISSN 2359-5140 (Online)  
Ipseitas, São Carlos, vol.4,  
n. 2, p. 149-176, ago-dez,  
2018

## **II. Da postura heurística a uma primeira consideração epistêmica**

*Il semble que tout ce qui peut être, est.*  
Buffon, *Premier Discours*

O método buffoniano induz, em sua prática, a reconhecer a pluralidade dos objetos da natureza e suas especificidades. De nada serve o pensamento que faz vegetar a pedra e reduz tudo a uma única forma ou a uma causa primeira: “O molde comum de todas estas coisas

assaz dessemelhantes entre elas, está menos na natureza do que no espírito estreito destes que a conheceram mal” (BUFFON, 2007, p. 33). São “as abstrações de nosso espírito limitado” que conduzem à construção de “sistemas sobre fatos incertos” (BUFFON, 2007, p. 34). Como notara Stéphane Schmitt (na edição das *Œuvres* de Buffon pela Gallimard), as abstrações são objeto de enorme desconfiança por parte de Buffon, de modo que o termo *abstração*, ou *abstrato*, é “correntemente associado à noção de ‘suposição’, ela mesma duvidosa” (SCHMITT, 2007, p. 1389). O armazém de coleções buffoniano não poderia ser mobilhado de abstrações, mesmo se, como veremos, para provar a existência de uma qualidade superior do homem ele recorrerá, por comparação, à abstração<sup>6</sup>. Buffon se vale então, nesta heurística do olhar, das comparações, seja para estudar o homem, seja para estudar os animais, tal como se pode ler no *Discurso sobre a natureza dos animais*: “após haver considerado o homem em si mesmo, não deveríamos nos servir desta via das comparações?” (BUFFON, 2007, p. 431). Deve-se comparar as organizações (entre semelhanças e diferenças) para poder estabelecer as *aplicações particulares*.

Na passagem do método ao arcabouço epistêmico, tem-se a delimitação primeira dos objetos de estudo, qual seja, sua materialidade, o campo dos fenômenos<sup>7</sup>. Ao opor a materialidade à abstração, delimita-se o campo epistêmico de Buffon em oposição ao campo epistemológico de certos autores, tais como Platão e Malebranche, de maneira que “o lugar da metafísica restaria vago”, como pontua Annie Ibrahim em seu artigo “La pensée de Buffon: système ou anti-système?” (IBRAHIM, 1992, p. 175). Ironicamente, Buffon escreve que até poderia entrar em acordo com o “divino Platão e com o quase divino Malebranche (...) que a matéria não existe realmente, que os objetos exteriores não são senão imagens da faculdade criadora”, mas assim não estaria ele, a contragosto, “afirmando que nossas ideias sejam da mesma ordem que as do Criador?” (BUFFON, 2008, p. 165). Thierry Hoquet, ao tratar especificamente da abordagem buffoniana sobre a alma, escreve que Buffon teria, nessa questão, “abraçado o campo das antigas metafísicas” (HOQUET, 2005, p. 680). Essa discussão tomaria por si todo um artigo, de modo que nos limitamos aqui apenas a apontar essa dubiedade no que concerne ao distanciamento ou aproximação com a metafísica.

6 São enormes as discussões sobre essa dubiedade em relação aos processos de abstração em Buffon. Para uma análise detalhada ver o tópico “2. La voie de comparaison et la connaissance des substances dans le *Discours sur la nature de l’homme*” de Thierry Hoquet (HOQUET, 2005, p. 679-724).

7 “Os fenômenos que se oferecem todos os dias aos nossos olhos, que se sucedem e se repetem sem interrupção e em todos os casos, são o fundamento de nossos conhecimentos físicos” (BUFFON, 2007, p. 62).

Se Buffon foi o pintor da natureza, Platão seria o pintor das ideias. Na *História geral dos animais* (mais especificamente no capítulo V – *Exposição dos Sistemas sobre a geração*), Buffon ressalta o procedimento platônico (no *Timeu*) sobre a geração da vida animal, vegetal etc., que se daria por vias de *simulacros refletidos e imagens*. Platão “é um pintor de ideias, é uma alma que, despreendida da matéria, se eleva ao país das abstrações” (BUFFON, 2008, p. 164). Essas ideias sublimes, simples, apontam, segundo a episteme de Buffon, para uma desertificação do campo especulativo<sup>8</sup> e, nesse sentido, o naturalista assevera: “o real não será jamais produzido pelo abstrato” (BUFFON, 2008, p. 164). São as sensações que estabelecem “uma ordem de existência e um fundamento de relação necessária” (BUFFON, 2008, p. 165).

Este percurso, que sintetiza uma passagem do método ao plano epistêmico definido em sua materialidade, serve-nos aqui para elucidar que, apesar de Buffon considerar as “obras da Natureza” como “obras do Criador” (BUFFON, 2007, p. 34), ele parte de uma consideração científica para estudar a natureza. Assim, o homem – como as plantas e os animais – é submetido ao olhar do naturalista filósofo em sua materialidade, mesmo se, em seguida, se fará necessária uma abstração para compreender e expor a qualidade distintiva do homem.

### III. Breve advertência sobre o uso do termo “antropologia”

*Les ressemblances et les différences seront prises non seulement d'une partie, mais du tout ensemble.*  
Buffon, *Premier Discours*

Sabe-se, por vias da *Enciclopédia* de Diderot e D’Alembert, que o termo *antropologia* não designava então o que se conhece na modernidade como antropologia. Em meados do século XVIII, explica Michèle Duchet, “a palavra *antropologia* não se encontra senão no sentido de estudo do corpo humano: ela pertence ao vocabulário da anatomia” (DUCHET, 1971, p. 7). Leia-se no artigo *Anatomia*<sup>9</sup>: “A anatomia humana que é absolutamente e apropriadamente chamada anatomia, tem por objeto ou (...) por sujeito o corpo humano. É a arte que muitos chamam ‘antropologia’” (Cf. DUCHET, 1971, p. 7). Ao passo que, continua Duchet, “o artigo ‘*Antropologia*’ retoma o sentido teológico: ‘Maneira de se exprimir pela qual os escritores sagrados atribuem à Deus partes das ações ou das afecções que não convêm

8 “Que ideia mais sublime! Que plano de filosofia mais simples! (...) Que deserto de especulações!” (BUFFON, 2008, p. 164).

9 Citado aqui a partir do texto introdutório *L’Anthropologie de Buffon* de Michele Duchet (Cf. DUCHET, 1971, p. 8).

senão aos homens” (DUCHET, 1971, p. 7). Na página XLVII da *Enciclopédia*, no artigo III sobre a distribuição da *História Natural*, pode-se ler: “A História Natural é dada pela diferença de  *fatos*  da Natureza, pela diferença de  *estados*  da Natureza” (DIDEROT; D’ALAMBERT, 1751-1765, p. XLVII)<sup>10</sup>. Em seus estudos sobre o homem, Buffon parece seguir esse mesmo caminho, valendo-se tanto dos fatos como dos estados, divergindo da ideia, enunciada um pouco antes na própria *Enciclopédia*, de que os fatos humanos pertencem apenas ao domínio da *História Civil*<sup>11</sup>.

Talvez, o termo mais adequado para o estudo do homem em Buffon seja, à primeira vista, o de  *ciência do homem* , termo equivalente, na *Enciclopédia*, aos estudos da filosofia do homem. Esta filosofia ou ciência do homem investigaria suas principais faculdades, a saber, o  *entendimento*  (relacionado à  *verdade* ), e a  *vontade*  (relacionada, por sua vez, à  *moral* ) (Cf. DIDEROT; D’ALAMBERT, 1751-1765, p. XLVIII). No entanto, como ressalta Duchet, “o conceito de economia animal supõe que se considere o homem como um todo” (DUCHET, 1971, p. 8), de modo a se ultrapassar as distinções entre “a  *antropografia*  que é a ‘descrição do homem’, e a  *antropologia*  (...) que toma o homem como ‘objeto’ e não como ‘sujeito’”, tal como procede a anatomia (DUCHET, 1971, p. 8). O desafio seria, portanto, de acordo com a formulação de Duchet, como “inscrever todos esses termos em uma mesma grade”? (DUCHET, 1971, p. 8).

O homem foi estudado por Buffon sob aspectos distintos, que vão desde uma economia animal – na qual o homem resguarda características comuns com outros animais –, passando pelas sucessivas etapas da vida humana, chegando, por fim, ao que seria a qualidade imaterial distintiva do homem. Duchet nos mostra, tomando o exemplo do capítulo  *Da puberdade* , que Buffon, ao escrever “que ‘a puberdade, as circunstâncias que o acompanham, a circuncisão, a castração, a virgindade, a impotência são essenciais para a história do homem’” (DUCHET, 1971, p. 9), ele não estaria restrito nem ao campo da anatomia, nem ao campo da ciência do homem. Ao debruçar-se sobre diversos campos de abordagem sobre o homem, Buffon estaria “pensando enquanto antropólogo”, abordando, à uma, “a natureza específica do homem, de sua ‘organização’, da originalidade das sociedades humanas” (DUCHET, 1971, p. 9). E, como dito anteriormente, o naturalista não se vale de “nenhum argumento metafísico; Buffon parte do homem e tão somente do homem, alheio ao Criador e à Criação” (DUCHET, 1971, p. 10), e seria, por fim, esta recusa radicalizada que

10 Todas as referências diretas aos artigos da *Enciclopédia* remetem aqui à edição virtual digitalizada pela *Bibliothèque National de France – BNF*.

11 “Os fatos que são dos homens, pertencem à *História Civil*” (Cf. DIDEROT; D’ALAMBERT, 1751-1765, p. XLVII).

o permitiria “fundar uma antropologia, ciência do homem e de suas atividades específicas, de suas ‘operações naturais’” (DUCHET, 1971, p. 10). Ou seja, seria a visada sobre o *todo* do homem que o permitiria tomar a *História natural do homem* como uma “antropologia” *avant la lettre*.

Nesse sentido, o renomado estudioso da obra de Buffon, Jacques Roger, não deixara de intitular o capítulo XII (de seu consagrado *Buffon – un philosophe au Jardin du Roi*) como *Nascimento da antropologia*. Neste capítulo, Jacques Roger escreve: “Buffon mostra (...) que as observações fisiológicas serão talvez menos importantes que as reflexões sobre as ‘maneiras’ (*mœurs*), ou seja, sobre os costumes” (ROGER, 1989, p. 202). Todavia, em sua empresa de estudar e abranger a totalidade do homem, Buffon investigara também os aspectos fisiológicos do homem. Como também estudara, além dos costumes, das características físicas e morais, certos aspectos relacionados ao clima, portanto, à geografia. Na *História natural do homem*, ao tratar das *Variedades na espécie humana*, Buffon reagrupa todos esses pontos de vista dos quais se valera para estudar o homem:

Tudo isso que nós temos dito até aqui da geração do homem, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu estado em diferentes idades de sua vida, dos sentidos e da estrutura de seu corpo, tal que se conhece pelas dissecações anatômicas, não formam senão a história do indivíduo, esta da espécie demanda um detalhe particular, cujos efeitos principais não podem ser tomados senão das variedades que se encontram entre os homens de diferentes climas (BUFFON, 2007, p. 307).

Em suma, seria essa abordagem da totalidade do homem que nos permite, aqui, a utilização do termo “antropologia”. Ademais, essa ciência do homem, ou melhor, essa ciência geral do homem, apresenta e anuncia o caráter da antropologia que não tarda a aparecer. Como pontuara Duchet (na *Introdução* de sua *Anthropologie et histoire au siècle des Lumières*), em 1788, “Chavannes, professor de teologia em Lausanne, publica uma *Anthropologie ou science générale de l’homme*” (DUCHET, 1995, p. 12). Não seria, portanto, uma sobreposição deslocada, a de cunhar a ciência geral do homem de Buffon (bem próxima já da antropologia de Chavannes) de “antropologia”. Visto que, tanto os estudos de Buffon, como os de Chavannes, formam, em grande parte, “isto que nós chamamos ainda hoje de *antropologia*” (DUCHET, 1995, p. 12). Tais estudos tratavam “do homem físico, da espécie humana, das diferentes raças, das sociedades humanas, de suas formações e de seus progressos, da origem da linguagem, das invenções e das técnicas” (DUCHET, 1995, p. 12). Todo esse *corpus*

de análises, empreendido por Buffon, é que legitima, mais ou menos, o uso do termo “antropologia” (mesmo se entre aspas) para os estudos buffonianos sobre o homem. Por fim, arremata Jacques Roger (em sua indispensável obra *Les sciences de la vie dans la pensée française au XVIIIe siècle*<sup>12</sup>), “a antropologia de Buffon, como sua teoria do conhecimento, repousa, portanto, sobre a dupla convicção da relatividade e da grandeza do homem” (ROGER, 1993, p. 538).

#### **IV. Apresentação da questão: dois pontos de vista sobre o homem**

Como notara Stéphane Schmitt (em sua *Introdução* acima citada), Buffon teria, já desde o *Primeiro Discurso*, “posto o homem entre os animais, mas ele o teria posto em seguida ‘à frente de todos os seres criados’” (SCHMITT, 2008, p. 62), de modo que “toda a *História natural* prolongará essa tensão entre uma concepção do homem enquanto animal, em toda sua materialidade, e a vontade de lhe conferir uma posição dominante e privilegiada na natureza” (SCHMITT, 2008, p. 62). Para compreender melhor as aproximações entre esses dois momentos, deve-se ter em vista que, no primeiro momento, Buffon aborda a questão da geração animal de um ponto de vista quase que totalmente materialista, a partir do qual “a primeira reflexão que se segue é um retorno humilhante sobre nós mesmos” (BUFFON, 2007, p. 30). Enquanto no segundo momento, ao tratar da natureza específica do homem, o método materialista se abre também ao imaterial que compõe a natureza humana. Leiamos, na íntegra, a passagem do *Primeiro Discurso* que sintetiza esta tensão:

A primeira verdade retirada deste sério exame da Natureza, é uma verdade provavelmente humilhante para o homem; isto é, que ele deve se pôr, ele mesmo, na classe dos animais, aos quais ele se assemelha por tudo que há de material, e mesmo seu instinto lhe parecerá talvez mais seguro que sua razão, e sua invenção [*industrie*] mais admirável que suas artes. Percorrendo em seguida, sucessivamente e por ordem, todos os objetos que compõem o Universo, e se pondo à cabeça de todos os seres criados, ele verá com espanto que se pode descer, por degraus, até a matéria mais disforme, do animal mais organizado até o mineral mais bruto. (BUFFON, 2007, p. 35)

Para compreendermos esta tensão, instalada no seio do pensamento buffoniano, e esclarecermos os termos aí implicados, abordaremos, primeiramente, os princípios que se encontram nas teorias sobre as moléculas orgânicas, sobre o molde interior e sobre a forma. Em se-



gundo lugar, analisaremos a metodologia e as noções implicadas na compreensão que concebe o homem no topo da escala dos seres. Por fim, na conclusão, buscar-se-á desnudar o caráter dessa tensão entre a extensão homem-animal e a superioridade do homem.

Ao aproximar, por um lado, as teses científicas sobre a geração, e, por outro, a “antropologia” de Buffon, não se quer dizer, contudo, que a existência humana deve ser compreendida tal e qual à animal, apesar de ambos possuírem uma matéria organizada, pois a semelhança entre uma matéria e outra é, com efeito, apenas exterior, plástica. Tais considerações conduzirão à compreensão de uma possível duplicidade na “antropologia” de Buffon, cujo binômio parece surgir, à primeira vista, em uma suposta divisão de sua perspectiva antropológica, entre uma “antropologia” antropocêntrica e outra que diluiria, na matéria, este antropocentrismo.

## V. Geração, reprodução: Dos conceitos

*Il est très évident que cette conception de la science est étroitement liée à l'idée que Buffon se fait de l'homme.*

Jacques Roger, *Les sciences de la vie*

### V.i. Introdução aos conceitos

No que concerne ao estudo sobre a *geração dos animais*<sup>13</sup>, Buffon se insere em uma longa tradição, que retrocede do século XVIII à filosofia grega na busca de princípios vitais. O percurso que Buffon traçara pode ser considerado, sumariamente, em dois momentos. Um primeiro, que iria aproximadamente de 1733 a 1744, no qual ele acreditaria ainda, em seus diálogos com Bourguet, em “uma sorte de epigênese” (ROGER, 1993, p. 543), ou seja, na geração ou evolução de um germe ou embrião a partir de uma única forma simples. Pensamento este que fora abandonado ao questionar o fato de que a base formativa (fosse ela o ovo ou o espermatozoide) seria fornecida apenas “por um dos genitores” (ROGER, 1993, p. 543). O segundo momento seria, por sua vez, marcado pelo diálogo com Maupertius, com quem “Buffon discutiu longamente estas questões, provavelmente, mesmo antes de 1744” (ROGER, 1993, p. 543). Neste segundo momento, Buffon não estaria interessado apenas nos fatos, mas teria intensificado uma busca, por via dos efeitos, mais aproximada das causalidades, das ideias. Buffon estaria se valendo então, como resalta Jacques Roger,

De uma leitura atenta e crítica das observações de Fabricio d'Acquapendente, de Harvey, de Malpighi, de Régnier de Graaf, de Sténon, de Leeuwenhoek, de Verheyen, de Vallis-

13 “‘Geração dos animais’ é a expressão consagrada, no século XVIII, para designar os fenômenos que nós remeteríamos hoje em dia à reprodução e ao desenvolvimento dos organismos” (SCHMITT, 2008, p.12).

neri, e também das observações recentes cujos autores não são nomeados mas que eram conhecidos de todos, Trembley, Bonnet, Jussieu e outros. (ROGER, 1993, p. 544)

Teoricamente, o que sobressai neste último período não é mais a base única da epigênese, mas a busca de uma única base para o “fenômeno da geração” (Cf. ROGER, 1993, p. 544). Roselyne Rey (em seu artigo “Buffon et le vitalisme”) desconsidera este primeiro período, mais próximo de uma epigênese, e põe a questão geral da geração, ou seja, da busca por “uma lei geral e uma força suscetível de explicar todos os fenômenos” (REY, 1992, p. 400) relacionados com a geração, em torno do vitalismo que estaria dividido entre a *força* de Newton, por um lado, e a *mônada* de Leibniz, por outro. Todavia, a questão sobre as moléculas orgânicas é tratada sumariamente no final de seu artigo, remetendo de maneira sintética aos estudos de La Caze (Cf. REY, 1992, p. 410-412). Mais precisa, parece ser a análise de Thierry Hoquet (seguindo os estudos de J. S. Wilkie<sup>14</sup>), que, por sua vez, põe à prova a divisão posta por Jacques Roger. Para Hoquet, dividir essa questão entre “sistemas de preexistência (...) e as teorias da pré-formação” seria como “reduzir a geração a um milagre” (HOQUET, 2005, p. 396), pois, de fato, é a questão “da natureza do composto que se põe, e o espinhoso problema da forma, à uma, individual e específico” (HOQUET, 2005, p. 397). Assim, “Buffon põe a questão e pretende que seja a comparação que irá conduzi-lo ao bom resultado: para isto, ele vai se aplicar em questões sobre a forma da trilogia conceitual observações-analogias-induções” (HOQUET, 2005, p. 399). São “esses três procedimentos [que] vão lhe permitir (...) o bom sistema, enquanto os conceitos da geração (moléculas orgânicas, molde interior, forças penetrantes) são acusados de serem hipóteses, imaginações” (HOQUET, 2005, p. 399).

O debate e as críticas sobre este assunto são intermináveis e abrangem uma literatura crítica igualmente longa (bem ilustrada no estudo de Hoquet supracitado), de modo que pontua-se aqui a discussão apenas à guisa de introdução, visto que a intenção (longe de acercar-se dos erros e acertos científicos da época) é de apreender, na lógica interna da *História Natural* de Buffon, como esta gama de conceitos em torno da geração se aproximam das teorias sobre o homem.

## V.ii. Molde interior e forma

Para o filósofo naturalista, a questão se põe nos seguintes termos: qual “o meio oculto que a Natureza pode empregar para a reprodução dos seres?” (BUFFON, 2007, p. 152). Na *História dos animais*, logo no

14 De Wilkie, Hoquet retoma o estudo *Preformation and epigenesis: a new historical treatment* (Cf. HOQUET, 2005, p. 396).

primeiro capítulo *Comparação dos animais e vegetais*, Buffon esboça a questão em uma compreensão de que todo o Universo é formado de matérias (sejam animadas ou não) que possuem suas propriedades particulares relacionadas ao todo. Trata-se, então, de uma faculdade capaz “de produzir seu semelhante” (BUFFON, 2007, p. 134). Essa mesma questão é retomada, logo a seguir, no segundo capítulo, *Da reprodução em geral*:

Examinemos mais de perto esta propriedade comum ao animal e ao vegetal, esta potência de produzir seu semelhante, esta cadeia sucessiva de indivíduos (...) e sem nos prendermos à geração do homem ou a uma espécie particular de animal, vejamos o fenômeno da reprodução em geral, reunamos os fatos para dar-lhes ideias, e façamos a enumeração dos diferentes meios dos quais a natureza faz uso para renovar os seres organizados (BUFFON, 2007, p. 143).

Neste exame inicial, importa, sobretudo, a relação das partes com o todo. Deve-se agrupar e reagrupar um número indeterminado de seres orgânicos em um mesmo ser, de modo que todas as partes contenham a substância do todo e apresentem em todas as suas partes um germe da mesma espécie, sem, contudo, “devir um todo semelhante a este [todo] no qual ele está contido” (BUFFON, 2007, p. 143). Buffon não busca nesta investigação, como sublinha Jacques Roger, os *porquês* da reprodução, nem tampouco busca explicitar a particularidade de “*como cada espécie animal ou vegetal se produz*” (ROGER, 1993, p. 544). O essencial da questão já fora aqui enunciado, trata-se de investigar a fórmula ou as fórmulas desconhecidas que a natureza emprega para a reprodução em geral, não apenas neste ou naquele indivíduo, mas em todos os seres da natureza. A ideia de tomar uma parte de um determinado ser para daí deduzir sua reprodução não é válida senão para certos seres (como os animais e vegetais). Ao proceder pela relação entre o simples e o composto (que pode ser encontrada nestes dois últimos seres), deve-se compreender que a abstração das substâncias simples é a dificuldade que se apresenta ao composto (ideias que não se sobrepõe à realidade da natureza), pois o composto não pode ser facilmente reduzido ao simples (Cf. BUFFON, 2007, p. 146). Para resolver essa questão, Buffon reaproxima, como interpretara Hoquet (HOQUET, 2005, p. 396), as teses da pré-formação e da pré-existência. Em 1963, Jacques Roger já havia percebido este movimento (em *Les sciences de la vie*): “Buffon retoma, portanto, esta teoria da pré-formação, que nós vimos durante muito tempo opostas à pré-existência”, ele a retoma até “a imagem do ‘molde interior’” (ROGER, 1993, p. 546).

No capítulo *Da reprodução em geral*, Buffon supõe um molde da natureza, a partir da ideia corrente de molde (que poderia ser usado para forjar um metal, para pintar ou para esculpir). Um molde que, não recaindo em uma contradição entre interior-exterior, pudesse produzir além da forma externa, a forma interna. Pois só uma dupla reprodução, da exterioridade e da interioridade, poderia ir além da mera representação de superfície. Ou seja, o molde, modelando a massa, o volume e não apenas a forma (Cf. BUFFON, 2007, p. 153). Seria uma extensão das qualidades apreendidas pelos sentidos, como também das qualidades que lhes são ocultas. Assim, Buffon reveste a ideia de molde interior de uma significação que bifurca a qualidade da própria matéria em suas dimensões de superfície e de massa. Sobre este molde interior, Buffon escreve: “eu conheço na Natureza uma qualidade que chamamos de gravidade [*pesanteur*], que penetra os corpos em seu interior, eu tomo a ideia de molde interior relativamente a esta qualidade” (BUFFON, 2007, p. 155). Neste movimento, entre forma interior e exterior, Buffon concebe uma espécie de matéria acessória “que penetra em todas as dimensões” (BUFFON, 2007, p. 158), distribuindo de maneira equilibrada a substância, e mantendo, assim, um desenvolvimento comum das partes organizadas. Tal distribuição se faz possível e necessária porque a matéria orgânica é a mesma “do animal ou do vegetal” (BUFFON, 2007, p. 160). E tal matéria, seja deste ou daquele ser, é perpassada por esta força supracitada, que, por sua vez, “é relativa ao interior da matéria, e não tem nenhuma relação com as qualidades exteriores do corpo” (BUFFON, 2007, p. 160). Tais forças, “não poderão jamais cair sob nossos sentidos, porque sua ação se produzindo na interioridade dos corpos (...) não é do gênero de coisas que nós poderíamos perceber” (BUFFON, 2007, p. 160). Buffon chama tal força de *força penetrante*: esta força da qual se tem a certeza de sua existência (tal como se tem certeza da força da gravidade) mesmo sem poder apreendê-la de maneira totalmente clara, como também “a matéria na qual elas agem” não nos é completamente conhecida (BUFFON, 2007, p. 160).

Resta explicitar ainda a relação intrínseca entre o molde interior e a forma. Sendo o molde interior a junção de matérias organizadas, em relação ao todo, não deixa de haver uma forma da matéria. O molde interior carrega consigo mesmo, em seus corpos organizados, a noção de forma, pois, como explica Buffon, “estes corpos têm uma certa forma que nós chamamos de molde interior” (BUFFON, 2007, p. 161) e “as partes orgânicas impulsionadas pela ação da força penetrante não podem aí entrar senão por uma certa ordem relativa a esta forma” (BUFFON, 2007, p. 161). O movimento da força penetrante em direção ao molde interior não pode, entretanto, modificar a forma, “mas somen-

te lhe aumentar todas as dimensões, tanto exteriores quanto interiores” (BUFFON, 2007, p. 161), ofertando assim “uma forma semelhante, tanto no exterior quanto no interior” (BUFFON, 2007, p. 161).

### V.iii. Moléculas orgânicas

*Dieu, en créant les premiers individus de chaque espèce d'animal et de végétal, a non seulement donné la forme à la poussière de la Terre, mais il l'a rendu vivante et animée, en renfermant dans chaque individu une quantité plus au moins grande de principes actifs, de molécules organiques vivantes, indestructibles, communes à tous les êtres organisés.*

Buffon, *Le Bœuf*

Como escrevera Thierry Hoquet,

a questão dos moldes interiores conduz naturalmente à esta das moléculas orgânicas. Uma vez estabelecidos os moldes (ou seja, a forma), Buffon se questiona sobre ‘qual a natureza desta matéria que o animal ou o vegetal assimilam a sua substância’.<sup>15</sup> (HOQUET, 2005, p. 415)

Na *História dos animais*, no capítulo III – *Da nutrição e do desenvolvimento*, Buffon investiga a composição das partes orgânicas de um corpo organizado a partir de sua relação com a nutrição, pontuando que “as partes semelhantes ao todo chegam ao corpo organizado pelo alimento, e nos parece que podemos (...) conceber a maneira como elas chegam e pela qual as moléculas orgânicas devem formá-las” (BUFFON, 2007, p. 162), pois, “as partes que se desenvolvem absorvem a quantidade inteira das moléculas orgânicas que lhes são propostas” (BUFFON, 2007, p. 163). A nutrição carrega em si partes análogas ao corpo orgânico, mas também carrega consigo dejetos (matéria morta) que não se assemelhando ao corpo orgânico são expelidos pelos órgãos excretores. As partes orgânicas não são, portanto, homogêneas, havendo assim uma parte que não estabelece analogia com a organicidade dos corpos.

Por analogia, “Buffon conclui que o ulmo e o pólipó ‘são corpos organizados compostos de outros corpos orgânicos semelhantes, cujas partes primitivas e constituintes são também orgânicas e semelhantes’” (ROGER, 1989, p. 181). São estas partes *primitivas e semelhantes* que “Buffon vai em seguida chamar de ‘moléculas orgânicas’ (...) Noção terrivelmente vaga (...) suscetível de ser utilizada tanto em um pensamento vitalista quanto em uma concepção química da vida” (ROGER, 1989, p. 181).

<sup>15</sup> A citação de Buffon remete ao capítulo III – *Da nutrição e do desenvolvimento*, da *História geral dos animais*.

Trata-se da matéria viva, da matéria que permite e possibilita no interior dos corpos orgânicos sua reprodução, através dos processos de analogia, semelhança e conveniência. Do ponto de vista da reprodução vegetal, seria suficiente, segundo Buffon (no capítulo IV – *Da geração dos animais*),

conceber que na alimentação que têm estes seres organizados, existem moléculas orgânicas de diferentes espécies, e que por uma força semelhante àquela que produz a gravidade, estas moléculas orgânicas penetram todas as partes do corpo organizado, isto é o que produz o desenvolvimento e o que faz a alimentação, que cada parte do corpo organizado, cada molde interior não admite senão moléculas orgânicas que lhe são próprias, e, enfim, quando o desenvolvimento e crescimento são quase completamente realizados, o excesso das moléculas orgânicas que servia anteriormente é reenviado de cada parte do indivíduo a um ou mais lugares, onde se encontram todos reunidos. (BUFFON, 2007, p. 166)

Do ponto de vista da reprodução molecular dos animais, ainda no capítulo IV da *História dos animais*, o

homem vai nos servir de exemplo, eu o tomo em sua infância, e concebo que o desenvolvimento ou crescimento das diferentes partes de seu corpo se constituindo pela penetração íntima das moléculas orgânicas análogas a cada uma de suas partes, todas estas moléculas orgânicas são absorvidas na primeira idade e inteiramente empregadas no desenvolvimento (...) e por isso as crianças são incapazes de procriar; mas, quando o corpo chega ao ápice de seu crescimento, ele começa a não ter mais necessidade de uma quantidade tão grande de moléculas orgânicas para se desenvolver, o supérfluo destas mesmas moléculas orgânicas é portanto reenviado, por cada parte do corpo, aos reservatórios destinados a lhes receber. (BUFFON, 2007, p. 168-169)

As moléculas orgânicas constituem, desta forma, os corpos organizados, os corpos orgânicos, seja do animal ou do vegetal. Elas estão em nossos corpos, bem como nos alimentos que ingerimos, são análogas ao que há de mais vital no corpo humano, a saber, o sangue, e quando nos vêm do exterior (pelos alimentos) são então retidas por uma *força de afinidade* que reenvia, por um processo de analogia, cada molécula orgânica às partes com as quais mantêm mais afinidades (Cf. BUFFON, 2007, p. 171-172). Assim acontece uma “penetração íntima, produzida por uma força [de afinidades moleculares] que age em todos os pontos da massa” (BUFFON, 2007, p. 172). No todo desta compreensão, Buffon “fala de moléculas orgânicas como ‘de uma matéria acessória e estrangeira que penetra no interior, que devém congênere à forma, e idêntica à matéria do molde’” (ROGER,

1989, p. 202). “Uma vez postos o molde interior, as forças penetrantes e as moléculas orgânicas, a teoria da geração não oferece mais dificuldades”, finaliza Jacques Roger em *Les sciences de la vie* (ROGER, 1993, p. 550).

## VI. Do Homem: o nobre animal “feito para reinar sobre a Terra”

*L’homme, blanc en Europe, noir en Afrique, jaune en Asie, et rouge en Amérique (...) est fait pour régner sur la Terre.*

Buffon, *Le Lion*

Ora, a tarefa que se propõe Buffon enquanto naturalista é de abranger a totalidade das coisas que se apresentam na natureza. Buscar exemplares de cada coisa, de cada espécie, de cada objeto, para formar uma grande coleção, mobiliar um grande armazém para então poder se debruçar sobre essa infindável diversidade material. Mas, pondera Buffon em seu *Primeiro Discurso*,

O primeiro obstáculo que se apresenta no estudo da História natural vem dessa grande multidão de objetos (...) logo que se chega a reunir mostras de tudo isso que povoa o Universo (...) e quando se lança pela primeira vez os olhos sobre este armazém repleto de coisas diversas, novas e estranhas, a primeira sensação que daí resulta é um espanto misturado de admiração, e a primeira reflexão que se segue é um retorno humilhante sobre nós mesmos (BUFFON, 2007, p. 30).

Como já visto acima, no subtópico “IV. Apresentação da questão: dois pontos de vista sobre o homem”, essa verdade humilhante para o homem é que “ele deve se pôr, ele mesmo, na classe dos animais, aos quais ele se assemelha por tudo que há de material” (BUFFON, 2007, p. 35). Ou seja, esta matéria orgânica e organizada que mobiliza os conceitos de molde interior, forma e molécula orgânica, por vias de uma força penetrante, é a mesma matéria que constitui, resguardadas as nuances, os vegetais e os animais, dentre os quais o próprio homem. É assim que o homem contempla uma escala dos seres, que tanto pode ascender como descender. Ascender a uma qualidade superior, ou descender a uma qualidade disforme, bruta. Os degraus que conduzem ao topo da escala dos seres ou que conduzem, contrariamente, aos degraus mais baixos, fazem parte de uma classificação e de uma nomenclatura científica, humana, que, segundo Buffon, não condizem com a realidade mesma da natureza. As classificações servem para auxiliar a ordenação do mobiliário no grande armazém de coleções, mas não dizem da verdade da natureza. São apenas aproximações necessárias para o estudo do naturalista.

Todavia, como essas classificações fazem parte de seu método, não deixara de escapar essa verdade humilhante, no que concerne

ao caráter comum ao homem e ao animal. O sistema de nutrição e de formação das moléculas resguarda uma inevitável e espantosa semelhança da matéria constituinte dos animais (aí incluindo os homens) e dos vegetais. As pequenas diferenças internas de reprodução entre homens, animais e vegetais não são suficientes para retirar ou separar o homem de sua formação molecular, possibilitada pela mesma força que age em todos esses corpos organizados. Ou seja, foi o próprio método buffoniano (fenomênico e materialista) que o conduziu à esta verdade molecular que constitui homens e animais. A seleção, a comparação, a analogia cerceiam a matéria que lhes é, infelizmente, comum em uma mecânica dos seres vivos.

Na *História natural dos animais*, no *Discurso sobre a natureza dos animais*, Buffon busca salientar as diferenças entre matéria e o que seria a natureza específica dos animais.

As propriedades que pertencem ao animal (...) não devem de modo algum serem aqui consideradas, a não ser enquanto matéria absoluta. O corpo do animal é extenso, pesado, impenetrável, figurado, capaz de ser posto em movimento, ou constringido a ficar em repouso pela ação ou resistência de corpos estranhos; todas essas propriedades que lhes são comuns com o resto da matéria, não são as que caracterizam a natureza dos animais, e não devem ser empregadas senão de uma maneira relativa, comparando, por exemplo, a grandeza, o peso, a figura etc., de um animal, com a grandeza, o peso, a figura etc., de um outro animal (BUFFON, 2007, p. 431-432).

Vê-se assim que a materialidade, ou seja, a existência molecular não diz da natureza da coisa, seja ela animal ou vegetal. Se a constituição material aparece, inevitavelmente, na investigação científico-naturalista, Buffon não tardará em se desfazer de toda uma confusão entre materialidade e natureza específica. Nesse sentido, compara o animal ao vegetal para exemplificar que não é pelo fato (apreendido pelas comparações) de ambos possuírem um sistema de reprodução e serem formados de uma matéria organizada que teriam uma única e mesma natureza.

Nós não devemos, portanto, compreender na economia animal, propriamente dita, estas faculdades que pertencem também ao vegetal, e é por esta razão que nós tratamos da nutrição, do desenvolvimento, da reprodução, e mesmo da geração dos animais, antes de ter tratado do que pertence propriamente ao animal, ou, mais ainda, disto que não pertence ao animal (BUFFON, 2007, p. 432).

É a distinção entre as naturezas, e não somente a qualidade comum da matéria, que permite Buffon diferenciar um animal como o cavalo, o



boi, ou o asno, de um animal como a ostra, por exemplo. A economia animal de um e de outro são bem distintas (Cf. BUFFON, 2007, p. 432). Daí se deduz, e Buffon se mostra resolutivo nesta distinção, que não seria pelo fato de partilharem uma matéria orgânica e organizada em comum que o animal homem seria indistinto de tantos outros animais, por sua vez, distintos entre eles mesmos. Nesse sentido, Buffon delimita sua tarefa no *Discurso sobre a natureza dos animais*:

Como o homem não é um simples animal, como sua natureza é superior àquela dos animais, nós devemos nos ocupar em demonstrar a causa desta superioridade, e estabelecer, através de provas claras e sólidas, o grau preciso da inferioridade da natureza dos animais, afim de distinguir o que não pertence senão ao homem, daquilo que lhe pertence em comum com o animal (BUFFON, 2007, p. 432).

Na *História natural dos quadrúpedes*, no capítulo sobre *O Leão*, Buffon busca demonstrar essa diferença de natureza, entre o homem e os demais animais, por uma relação entre o ser vivo e seu habitat. Uma consideração geográfica e climática que corrobora com a compreensão da superioridade do homem. O homem, segundo Buffon, “é feito para reinar sobre a Terra”, e o “globo inteiro é seu domínio, por isso sua natureza parece estar pronta para todas as situações; [seja] sob os fogos do Meridiano, [seja] nos gelos do Norte ele vive, ele se multiplica” (BUFFON, 2007, p. 844), ao passo que os animais, ao contrário, seriam mais suscetíveis aos fatores climáticos (Cf. BUFFON, 2007, p. 844). Todavia, esta não seria ainda a característica distintiva entre o homem e os demais animais. Pois, se os homens habitam todos os lugares do globo, os animais ocupam também uma parte considerável deste, mesmo se em número menor e com uma reprodução mais limitada. No que concerne à economia animal, quando se tomam os principais órgãos constituintes de tal economia, ou seja, o coração, o pulmão e os órgãos responsáveis pela circulação sanguínea, as diferenças entre o homem e certos animais (como o cavalo, o boi e o porco) não são tão grandes assim (Cf. BUFFON, 2007, p. 435-436). As maiores diferenças, no que concerne à matéria organizada, se encontram nas extremidades do corpo, pois é nas “extremidades que o corpo humano mais difere do corpo do animal” (BUFFON, 2007, p. 435).

Se a matéria orgânica, em sua relação com o molde interior e as forças penetrantes, e mesmo grande parte da economia animal não podem diferenciar o homem do animal, qual seria então essa faculdade ou qualidade distintiva? Ao dissertar sobre *O Leão*, Buffon escreve: “o homem, que é o ser mais nobre da criação, é de uma única espécie, pois os homens de todas as raças, de todos os climas, de todas as cores podem se misturar e reproduzir” (BUFFON, 2007, p.

849), de modo que não se pode dizer que “nenhum animal pertence ao homem, nem de perto nem de longe, por um parentesco natural” (BUFFON, 2007, p. 849). Esta poderia ser uma marca distintiva da espécie perante os animais, mas não seria, ainda, a qualidade distintiva de fato. No capítulo sobre *O Asno*, também na *História natural dos quadrúpedes*, ao tratar de certas diferenças de superfície entre os próprios homens, tais como altura, cor da pele etc., Buffon chama a atenção para o espírito (*l'esprit*), essa “qualidade que não pertence de modo algum à matéria” (BUFFON, 2007, p. 560). Voltando ao capítulo sobre *O Leão*, vemos algo mais próximo dessa qualidade distinta da matéria e da economia animal: “A habilidade do homem aumenta com o número, [enquanto] a dos animais resta sempre a mesma” (BUFFON, 2007, p. 846). O termo que Buffon utiliza aí (para habilidade) é *industrie*, que nos séculos XVII e XVIII poderia significar engenhosidade, habilidade, invenção, aptidão etc. Esta capacidade de invenção, essa habilidade que se desenvolve com o tempo, não parece pertencer à economia animal, nem à materialidade do molde e das moléculas orgânicas, mas sim à qualidade do espírito.

Até surgir esta distinção marcada pelo espírito, o homem é compreendido em sua existência pré-social, ou seja, completamente material, molecular (sem considerar aqui o pensamento buffoniano sobre os *homens selvagens*). Como pontuara Jacques Roger, em seu *Buffon*, não haveria nada de audacioso ou de original “em pôr o homem físico entre os animais. Era mesmo uma tradição depois de Aristóteles que tinha, mais precisamente, classificado o homem entre os animais domésticos” (ROGER, 1989, p. 208). Se não há nada de original, pode-se, entretanto, compreender uma tensão entre essas duas concepções, a da extensão homem-animal e da superioridade do homem. Antes de tratar desta tensão, que pode remeter à compreensão de uma “antropologia” sem antropocentrismo e outra antropocêntrica, compreendamos melhor essa qualidade do espírito.

Comparando o homem com o animal, se encontrará num e noutro um corpo, uma matéria organizada, sentidos, carne e sangue, movimento e uma infinidade de coisas semelhantes; mas todas essas semelhanças são exteriores e não são suficientes para nos fazer pronunciar que a natureza do homem é semelhante à do animal (Cf. BUFFON, 2007, p. 186).

Corrobora-se assim com a ideia de que a qualidade distintiva não está nem na materialidade, nem na superfície. Trata-se de uma qualidade interior, que Buffon retoma contra toda uma tradição que, como ressalta Jacques Roger, vinha desde a Antiguidade empreendendo esforços para suprimir a diferença entre homem e animal, seja de um ponto de vista materialista ou cético (Cf. ROGER, 1989, p. 209). E se a questão

de uma possível existência da alma no corpo dos animais estava “na ordem do dia em 1749” (ROGER, 1989, p. 210), Buffon não creditava importância a tal, pois, para ele, seria impossível penetrar na interioridade dos animais, de maneira que não se terá “jamais conhecimento disso que se passa no interior dos animais, como nós não saberemos jamais de que ordem, de que espécie podem ser suas sensações relativamente às [sensações] do homem” (BUFFON, 2007, p. 186).

Como explica Jacques Roger, “Buffon funda sua análise filosófica sobre o dualismo cartesiano, que é ainda a doutrina da Igreja (...) [ele] segue o método cartesiano da introspecção intelectual” (ROGER, 1989, p. 211), pois “a única coisa da qual nós somos seguros é de nossa existência como seres pensantes” (ROGER, 1989, p. 211). O pensamento estaria na interioridade, mas sua caracterização primeira se encontraria na superfície, não na material, mas na própria expressão de comunicação, ou seja, na linguagem, como se pode ler em *Da natureza do homem*: “O homem exprime por um signo exterior isto que se passa dentro de si, ele comunica seu pensamento pela palavra (...) signo comum à toda espécie humana” (BUFFON, 2007, p. 187). Todos os homens se comunicam pelo signo da palavra, seja ele selvagem ou civilizado, signo que advém do pensamento e não apenas de tal ou tal órgão humano. Necessita-se antes de um encadeamento de pensamentos para se poder articular a linguagem (Cf. BUFFON, 2007, p. 187-188). E só “esta associação de ideias pode produzir a reflexão” (BUFFON, 2007, p. 188). Daí, pode-se deduzir que o homem exerce sua plena natureza pela linguagem, pela reflexão, pelo pensamento, apenas em sociedade, visto que a comunicação é uma característica intrinsecamente social, pois não há linguagem no isolamento do indivíduo. Em *Les sciences de la vie*, Jacques Roger reforça: “esta ‘superioridade de natureza’, este ‘dom de Deus’, não se manifesta senão no homem em sociedade” (ROGER, 1993, p. 562). Como pode-se ler na *História natural dos quadrúpedes*, no capítulo sobre *Os animais domésticos*:

É, portanto, pelos talentos do espírito (...) que o homem tem sua potência, é por ela que ele aperfeiçoou [*a perfectionné*] sua razão (...) anteriormente o homem era talvez o animal mais selvagem e temível de todos (...) Mas logo que, com o tempo, a espécie humana se estende, se multiplica (...) [ela] pode marchar com força para conquistar o Universo (BUFFON, 2007, p. 501-502).

O homem é, portanto, dotado de uma superioridade de natureza que se mostra em sua existência social, porque em sociedade ele realiza “um projeto raciocinado, uma ordem de ações” (Cf. BUFFON, 2007, p. 187). O homem, em sua existência pré-social, pode ser compreendi-

do em sua materialidade instintiva, sem reflexão, sem uma atividade do espírito. Ele participa ainda da extensão homem-animal, é pura matéria agindo sobre o globo. E mesmo os ditos *selvagens* do Novo Mundo, não viveriam, segundo Buffon, em uma vida social de fato (a não ser a familiar). Ao tratar dos *Animais comuns aos dois continentes*, Buffon escreve que tais selvagens seriam sem vivacidade e sem “nenhuma atividade na alma (...) sem república, sem estado social” (BUFFON, 2007, p. 866-867). Assim, Buffon crê que a grande parte desses homens ditos selvagens “levavam a [mesma] vida dos animais” (BUFFON, 2007, p. 870), com exceção de alguns povos, como “os mexicanos e peruanos” (BUFFON, 2007, p. 871). Haveria, então, selvagens que seriam como animais, sem articulação da linguagem e, portanto, compartilhando a existência molecular com os animais, como haveria os selvagens portadores de uma linguagem básica, a meio caminho, entre o homem e o animal, e haveria, ainda, os selvagens que partilhariam da perspectiva propriamente humana de sua “antropologia” (como no caso dos impérios do México e do Peru).

Certos animais, ou homens selvagens, podem até possuir um instinto aguçado, mas, como se lê no *Discurso sobre a natureza dos animais*, o espírito ou “a alma do homem, ao contrário, é um sentido superior, uma substância espiritual, inteiramente diferente, pela sua essência e por sua ação” (BUFFON, 2007, p. 449). O homem possui os dois tipos de instinto, esse material, mais próximo de uma economia animal, e esse que lhe é próprio e que marca sua superioridade de natureza, pois “o homem é conduzido por um princípio superior” (BUFFON, 2007, p. 451). Vê-se, conseqüentemente, em *Da natureza do homem*, que existe em nós, humanos, “uma substância diferente da matéria” que conduz à percepção da “imaterialidade de nossa alma” (BUFFON, 2007, p. 189). Esta é, para Buffon, a “prova evidente de que o homem é de uma natureza diferente” (BUFFON, 2007, p. 190), e o que demonstra a “excelência de nossa natureza, e a distância imensa que a bondade do Criador estabeleceu entre o homem e a besta” (BUFFON, 2007, p. 190). Em suma, “o homem é um ser racional, o animal é um ser sem razão” (BUFFON, 2007, p. 190).

Tem-se, de um lado, o homem exterior, material, ainda sem exercer a faculdade da reflexão (possibilitada pela alma) e, de outro, têm-se o homem interior, em pleno uso de suas faculdades reflexivas. Como escrevera Jacques Roger, “existindo por si mesma, esta alma é independente das sensações que ela recebe por intermédio dos órgãos do sentido” (ROGER, 1989, p. 212). Se essa faculdade ou qualidade interior, que marca a superioridade do homem, não pertence aos sentidos

nem à matéria, como pode ela ser apreendida no método buffoniano?<sup>16</sup> Se por um lado, o método de Newton servira de diretriz ao método de Buffon, no que concerne ao campo fenomênico, deve-se acrescentar que o método daquele abrange também uma heurística que se debruça sobre as abstrações. Em *Da gravidade e do equilíbrio dos fluídos e dos sólidos nos fluídos*, Newton pontua essa duplicidade heurística:

Convém tratar a ciência da gravidade (...) por um método duplo. Na medida onde ele pertence às ciências matemáticas, é justo fazer o máximo de abstração sobre uma consideração física (...) partindo de princípios abstratos (...) Depois, como se estima que esta doutrina é de certo modo aparentada à Filosofia natural (...) não terei dificuldade em ilustrar também as proposições por meio da experiência (NEWTON, 1995, p. 111).

Buffon se valerá, deste modo, das duas características metodológicas fornecidas por Newton: das abstrações, para apreender o caráter interior e imaterial da alma, e das considerações fenomênicas, para estudar a materialidade constituinte dos animais e vegetais. Portanto, chame-se alma, espírito, reflexão ou pensamento, esta qualidade interior e imaterial que distingue o homem dos demais animais e marca, com efeito, sua superioridade na escala dos seres. Superioridade esta, da alma sobre o corpo, que reflete a superioridade do homem em relação aos animais, “não somente porque o homem devém em todos os lugares mais numeroso, mas também porque ele devém o mais hábil, que soube fabricar armas terríveis”, como se lê no texto sobre *O Leão* (BUFFON, 2007, p. 190). Deste modo, “o homem muda o estado natural dos animais os forçando a lhe obedecer”, como Buffon mostra alhures, no capítulo sobre *Os animais domésticos* (BUFFON, 2007, p. 499). Neste mesmo capítulo, da *História natural dos quadrúpedes*, Buffon sustenta a legitimidade da força do homem sobre os animais:

O império dos homens sobre os animais é um império legítimo que nenhuma revolução pode destruir, é o império do espírito sobre a matéria, o que é não apenas um direito de natureza, um poder fundado sobre leis inalteráveis, mas é, ainda, um dom de Deus, pelo qual o homem pode reconhecer a todo instante a excelência de seu ser (BUFFON, 2007, p. 499).

ISSN 2359-5140 (Online)  
Ipseitas, São Carlos, vol.4,  
n. 2, p. 149-176, ago-dez,  
2018

## VII. Conclusão

Uma vez estabelecida a diferença de natureza entre o homem e o animal, nos resta então esclarecer a questão sobre uma possível duplicidade na “antropologia” de Buffon. Duplicidade esta que seria

16 Ressaltando as características metodológicas da comparação e da negação, Thierry Hoquet investiga até onde o método buffoniano flertaria com uma sorte de metafísica. Nesse sentido, ver o *Chapitre XVI. Dieu, l'âme, l'homme : le discours sur la Nature de l'Homme et la voie de comparaison* (HOQUET, 2005, p. 675-718).

marcada por uma “antropologia” antropocêntrica, de um lado, e por uma “antropologia” sem antropocentrismo, de outro. Ora, se considerarmos o estudo mais geral de sua *História Natural*, sobre o conjunto da matéria orgânica e organizada que constitui animais e vegetais, veremos que o homem aparece ali incluso nessa materialidade molecular. A questão é, deve-se considerar essa parte dos estudos como parte da “antropologia” de Buffon, ou deve-se pensar uma “antropologia” apenas nos textos específicos sobre o homem e sua espécie? O próprio Buffon não parece distinguir bem esses limites, tratando conjuntamente do homem e do animal em diversos textos sem fazer separações. Logo em seu *Primeiro Discurso*, Buffon faz uma ressalva que remete à sua perspectiva propriamente “antropológica” sobre o homem. Como, também, trata do homem e de sua superioridade em todo o decorrer de sua obra. Mesmo quando fala sobre o asno, Buffon fala também do homem. E o mesmo ocorre em diversos outros lugares de sua extensa obra. Mas, qual seria esta ressalva, que abre o *Primeiro Discurso*, e o que dela pode-se depreender? A ressalva é sobre a verdade humilhante que se mostra ao se constatar uma única e mesma matéria, sob as mesmas forças penetrantes, constituindo os homens e os animais. Se a verdade é humilhante, antes mesmo de se demonstrar os porquês da superioridade do homem, é porque parece haver já ali uma pré-concepção do que é o homem em sua natureza específica. Tinha-se já a certeza de sua superioridade. Se o homem perpassa todo seu estudo da *História Natural*, a ideia de um Criador também é recorrente, mesmo se não o impediu de estabelecer um olhar científico sobre a matéria organizada que conforma homens e animais. Pode-se então dizer que o lugar do homem no topo da cadeia dos seres era já dado? Era já calculado, em um cálculo extra-científico fornecido de antemão pelo binômio Criador-criatura? Ao acompanhar a extensão e o desenvolvimento das teses sobre a matéria plástica que constitui homens e animais, bem como o desenvolvimento das teses sobre a imaterialidade da alma, parece sim que Buffon busca justificar uma ideia que já lhe era dada: o homem enquanto imagem de Deus, superior aos demais animais.

Muito mais espontânea, no sentido de uma ideia que parece surgir a partir das investigações, parece ser a ideia contrária, ou seja, a ideia de que o homem partilha algo em comum com os animais. Se não pelo juízo de que o homem é obra de Deus, pelo juízo de que é ele mesmo o portador da ciência, como notara Jacques Roger no décimo quinto capítulo (intitulado *L’homme dans la nature*) de seu *Buffon*:

Buffon pôs o homem no centro da História natural. As espécies animais vão aparecer umas após as outras na ordem de sua proximidade ao homem: animais domésticos, animais

selvagens. Como é o homem que constrói a ciência, ele tem o direito de impor sua ordem à Natureza (...) No começo, poder-se-ia mesmo crer que o homem ocidental está no centro do mundo. Em seguida, nós veremos, Buffon deverá se livrar desse plano antropocêntrico, objeto de escândalo quando ele o anunciou em 1749. O homem não é apenas um sujeito conhecedor, ele é igualmente uma espécie animal dentre outras. Espécie certamente excepcional, mas que vive no meio das outras que, como elas, é submetida às leis da Natureza. (ROGER, 1989, p. 212)

A natureza é para Buffon (como se pode ler no *Primeiro Discurso*), indivisível, tem suas próprias leis, opera por uma profusão de meios que não são equivalentes às classificações científicas (Cf. BUFFON, 2007, p. 32-33). Ela fornece a matéria que o naturalista toma por exame. E, lembre-se, essa verdade humilhante é o primeiríssimo resultado de uma investigação séria. O próprio naturalista se vê obrigado a classificar o homem entre os animais (Cf. BUFFON, 2007, p. 30, 35). A verdade da natureza seria para Buffon inclassificável, contudo, ele não cessa de subdividir esta mesma natureza em classes e espécies. Ou seja, a natureza não classifica, ela mesma, o homem como inferior ou superior. Mas Buffon busca, desde o começo, delimitar essa diferença, pois, a despeito de todos os estudos que buscavam eliminar essa diferença de estatuto, ele a aprofunda e busca em toda sua obra se desfazer dessa verdade material dada pela própria natureza, essa verdade humilhante e incontornável.

Talvez o “erro” do naturalista seja exatamente de partir de uma ideia de homem pré-concebida e de não saber ele mesmo escutar a voz da natureza sobre suas nuances. Seria, talvez, mais sincero com sua própria concepção de natureza, marcar, entre o homem e o animal, uma diferença de graus de natureza, por conta das qualidades materiais (extremidades do corpo e uma formação cerebral distinta) e imateriais (faculdade de comunicação, alma, espírito, razão etc.), e não, necessariamente, uma diferença entre superior e inferior. Buffon parece cair numa armadilha sem saída. Por isso, o esforço de provar a superioridade do homem, de provar que essa primeira verdade advinda da própria natureza não diria da natureza específica do homem, mas apenas de uma primeira verdade imediata e material, de modo que o homem não seria apenas um animal dentre os outros. A humanidade do homem, pontua Jacques Roger, “se opõe (...), violentamente à Natureza” (ROGER, 1989, p. 212).

Se Buffon considera a característica inumana da Natureza, ele não cessa, no entanto, a busca por caracterizar a superioridade do homem, ele não deixa de crer que esta natureza inumana seja obra do Criador. De modo que surge uma verdade que parece escapar aos

seus próprios propósitos, tal como ao relatar a vida dos animais selvagens, por exemplo, os quais seriam livres e iguais entre si. Como também lhe escaparia, ao se mostrar completamente dúbia, a legitimidade de domesticar os animais, pois aí se introduziu algo antitético: a escravidão e a desigualdade. Nesse sentido, Jacques Roger ressaltará que para os animais selvagens, a natureza se mostrava em sua simplicidade, em sua beleza, dando-lhes uma liberdade e independência completas: viveriam entre amor e liberdade (Cf. ROGER, 1989, p. 304-305). E é “o homem que introduz na Natureza o terror e a escravidão” (ROGER, 1989, p. 306).

O que impulsiona Buffon a buscar a defesa de tal superioridade dos homens é reforçado pela negação de uma existência de uma alma material nos animais. Buffon se insere em um grande debate de sua época no que diz respeito ao assunto. Nesse sentido, pontua Jacques Roger,

Buffon não ataca Condillac, que não havia ainda se manifestado: é Condillac que atacará Buffon em 1755, em seu *Tratado dos animais*. É a Réaumur que Buffon se direciona. Nesse sentido, o *Discurso sobre a natureza dos animais* é uma resposta às *Lettres à un Américain* (ROGER, 1989, p. 317).

Para Buffon, o animal não pensa, não reflete, não é dotado de alma nem de razão, pois vive maquinalmente em toda sua existência. O animal não tem a capacidade de se aperfeiçoar como o homem. São os fatos, a observação dos fatos que conduzem Buffon a sustentar uma superioridade de natureza do homem em relação aos animais. Ele observa que o homem se apodera e domestica os animais, ele observa que o homem se aperfeiçoa, que o homem reflete e pensa, que o homem tem uma linguagem mais complexa e completa que a dos animais. Estas observações, como já dito, procedem por comparações. O homem não é visto isoladamente, assim como também os animais e vegetais. Todos são continuamente comparados uns com os outros. Comparação e relação, tudo procede por estas vias. Relação entre as partes do corpo, relação de um ser com outro ser, comparação homem-animal, animal-vegetal, vegetal-mineral. Em todas essas relações e comparações o homem “serve de modelo” (BUFFON, 2007, p. 56).

O que é difícil de aceitar é que esse modelo, na figura do homem, advenha realmente dessas observações e não de um conceito pré-concebido (e por que não, de uma crença) sobre a superioridade do homem. Esta superioridade, além de advir, provavelmente, do binômio Criador-criatura, é respaldada pela própria filosofia, como, por exemplo, a de Aristóteles. Este “começa pelo homem, e ele o descreve primeiramente, sobretudo, porque ele [o homem] é o animal mais



conhecido, e porque ele é o mais perfeito” (BUFFON, 2007, p. 56). É de Aristóteles que vem a ideia de usar o homem como modelo, comparando suas partes com as partes de outros animais. Como tal ideia de modelo pode advir também do próprio binômio já citado. Sem nos prendermos ao fato da origem do modelo homem, ao fato de saber se ele resulta da ideia do homem feito de acordo com a imagem de Deus, ou se ele advém de estudos como os de Aristóteles, interessa ressaltar que o modelo e a ideia de superioridade parecem ter sido estabelecidos antes mesmo das investigações. De maneira que todas as comparações e relações seguem já no sentido de corroborar essa ideia. Ideia que pode ser bem resumida na “natureza de duas substâncias que nos compõem” (BUFFON, 2007, p. 182). O desígnio de provar, demonstrar a superioridade humana se mostra tão forte que, para Buffon, não bastaria dizer que uma substância é material, mortal e que a outra é imaterial e imortal. Ele põe aí a grande tensão que parece apagar ou minimizar toda sua empresa materialista de conhecer a natureza: a certeza evidente da existência da substância imaterial e a incerteza da existência da substância material. A indivisibilidade e a forma da substância imaterial sobrepõem-se à forma dupla do molde (interior e exterior) e das moléculas orgânicas (partes orgânicas e inorgânicas).

A existência de nossa alma nos é demonstrada, ou melhor, nós não formamos senão um, esta existência e nós: ser e pensar, são para nós a mesma coisa, esta verdade é íntima e mais do que intuitiva, ela é independente de nossos sentidos, de nossa imaginação, de nossa memória, e de todas as outras faculdades relativas (BUFFON, 2007, p. 183).

Ao passo que:

A existência de nosso corpo e dos outros objetos exteriores é duvidosa para qualquer um que raciocine sem preconceito, pois esta extensão em altura, largura e profundidade, que nós chamamos corpo, e que parece nos pertencer (...) que outra coisa ela é senão uma relação de nossos sentidos? (BUFFON, 2007, p. 183).

ISSN 2359-5140 (Online)  
Ipseitas, São Carlos, vol.4,  
n. 2, p. 149-176, ago-dez,  
2018

Thierry Hoquet analisou com profundidade essa distinção entre alma e corpo, relacionando o método buffoniano ao método de Malebranche e, sobretudo, ao de Descartes:

A comparação da alma e do corpo encontra uma formulação exemplar em Malebranche e a pertinência deste método é contestada por Condillac no *Tratado dos sistemas*. Estes elementos constituem ferramentas-chaves para a análise do *Discurso sobre a natureza do homem*. Esse texto difícil se situa em um duplo horizonte polêmico e contraditório: à uma, ele se situa num imaterialismo próximo ao de Malebranche-

-Berkley (...) mas ao mesmo tempo, Buffon, na esteira de Condillac, sublinha que a comparação da alma e do corpo pode conduzir a erros. A ambiguidade fundamental que atravessa o *Discurso sobre a natureza do homem* é que sua parte tética (o imaterialismo) como também sua parte polêmica (a crítica de uma utilização abusiva da comparação aplicada indevidamente à alma e ao corpo) se esclarecem uma pela outra em referência ao contexto malebranchiano (HOQUET, 2005, p. 700-701).

Mas, retomemos a questão que importa aqui. Nessa divisão entre homem e animal pode-se estabelecer duas “antropologias” distintas e antagonicas? Não cremos, antes de tudo, em um antagonismo, pois um estudo não nega o outro, do contrário, parece ser mesmo a consideração sobre a extensão comum entre o homem e o animal que auxilia Buffon em sua busca de demonstrar a superioridade do homem. No que diz respeito a uma consideração sobre duas sortes de “antropologias” distintas, cremos que, ao considerar os propósitos de Buffon, existe apenas uma “antropologia”, ou ciência geral do homem, pois sua perspectiva “antropológica” é bem delimitada em toda sua obra: utilizar o homem enquanto modelo, demonstrar que ele é superior aos outros animais na escala dos seres e dotado de alma e de razão (enquanto qualidade ou faculdade distintiva). Essa é a perspectiva antropológica que o naturalista sustenta com grande esforço, mesmo se recaindo, aqui e ali em contradições e “erros” metafísicos. Sua “antropologia” resta marcadamente antropocêntrica. No entanto, cremos, de outro ponto de vista, que pode-se depreender dos estudos buffonianos uma noção do homem que não é em si antropocêntrica, pois o homem faria parte desta matéria plástica, molecular que constitui homens e animais. Mas, daí dizer que isto seria uma “antropologia”, cremos que seria muito forçoso, pois não se trata do estudo e nem de uma perspectiva sobre o homem, mas sim de um estudo e de uma perspectiva sobre a matéria formativa como um todo. Cunhar essa parte do estudo de antropologia sem antropocentrismo, seria forçar uma visada antropológica onde não há perspectiva antropológica, mas um estudo geral sobre a matéria plástica. Nada nos impede, todavia, de pensar que essa matéria formativa está na base da “antropologia” de Buffon, marcando uma iminente plasticidade das formas e uma incessante tensão. Pois, não se pode amputar essa plasticidade, essa materialidade do pensamento sobre o homem de Buffon (que se propõe a estudar o homem em sua totalidade), mesmo se este questiona e duvida da própria existência do corpo. É, portanto, esta plasticidade na base da “antropologia” de Buffon que permite, sem dúvida, contemplar o homem além do antropocentrismo que é próprio da perspectiva antropológica do naturalista francês. Ou seja, mesmo

se não faz parte da perspectiva antropológica de Buffon, contemplar o homem fora do antropocentrismo, esse dado estará sempre lá, como algo que lhe escapara por sua própria potência plástica.

### **Bibliografia**

BUFFON, Georges-Louis Leclerc, Comte de. *De l'homme*. Paris: François Maspero, 1971.

\_\_\_\_\_. *Œuvres* (Bibliothèque de la Pléiade). Paris: Gallimard, 2007.

\_\_\_\_\_. *Œuvres complètes II – Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roy – Tome II (1749)*. Paris: Honoré Champion, 2008.

\_\_\_\_\_. Préface. In: NEWTON, I. *La méthode des fluxions et des suites infinies*. Tr.fr. Buffon. Paris: Bure Aîné, 1740.

BAERE, Benoit De. *La pensée cosmogonique de Buffon – Percer la nuit des temps*. Paris: Honoré Champion, 2004.

DIDEROT, D.. D'ALAMBERT. *Encyclopédie* [Online]. Produtor: BNF. Disponibilidade: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50533b/f1.item.textImage.zoom>. Acesso: 10/11/2018.

DUCHET, Michèle. *Anthropologie et histoire au siècle des Lumières* [1971]. Édition de poche. Paris: Albin Michel, 1995.

\_\_\_\_\_. L'Anthropologie de Buffon. In: BUFFON, G. -L. L. *De l'homme*. Paris: François Maspero, 1971.

IBRAHIM, Annie. La pensée de Buffon : système ou anti-système ? GAYON, Jean (dir.). *Buffon 88 – Actes du Colloque international pour le bicentenaire de la mort de Buffon (Paris, Montbard, Djon)*. Paris: Vrin, p.173-190, 1992,

GASCAR, Pierre. *Buffon*. Paris: Gallimard, 1983.

HOQUET, Thierry. *Buffon : histoire naturelle et philosophie*. Paris: Honoré Champion, 2005.

NEWTON, Isaac. *De la gravitation* suivi de *Du mouvement des corps*. Tr.fr. Marie-Françoise Biarnais. Paris: Gallimard, 1995.

PIMENTA, Pedro Paulo. Le « dessin originaire de la nature » dans l'Histoire naturelle de Buffon et Daubenton. *Dix-huitième siècle*. Paris, n° 49, p. 693-711, 2017.

REY, Roselyne. Buffon et le vitalisme. In: GAYON, Jean (dir.). *Buffon 88 – Actes du Colloque international pour le bicentenaire de la mort de Buffon (Paris, Montbard, Djon)*. Paris: Vrin, p. 399-413, 1992.

ROGER, Jacques. *Buffon – un philosophe au Jardin du Roi*. Paris: Fayard, 1989.

\_\_\_\_\_. *Les sciences de la vie dans la pensée française du XVIIIe siècle – La génération des animaux de Descartes à l'Encyclopédie* [1963]. Nouvelle édition. Paris: Albin Michel, 1993.

\_\_\_\_\_. Buffon et l'introduction de l'histoire dans l'histoire naturelle.  
In: GAYON, Jean (dir.). *Buffon 88 – Actes du Colloque international pour le bicentenaire de la mort de Buffon (Paris, Montbard, Djon)*. Paris: Vrin, 1992.

SCHMITT, Stéphane. Introduction. In: *Œuvres complètes II – Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roy – Tome II*. Paris: Honoré Champion, 2008.